

# Michael Snow e Peter Campus

## Som e imagem na Culturgest

Dois nomes de referência da arte contemporânea, pioneiros no trabalho com o som e a imagem, em duas exposições na Culturgest, Lisboa, em que os espectadores são chamados a participar interativamente

MARIA LEONOR NUNES

Um texto projetado num ecrã central e em dois monitores, em três línguas, inglês, francês e neerlandês: *That/Cela/Dat*, uma instalação de 2000, abre a exposição *O Som da Neve*, de Michael Snow, na Galeria 1 da Culturgest.

As frases “sucodem-se sincronizadas” nas três línguas, mas “cada palavra, que surge isolada em cada momento em cada ecrã, ocupa quase o mesmo espaço, independentemente do seu tamanho ou importância na construção discursiva”, como escreve a propósito o curador Delfim Sardo. “As alterações de dimensão fornecem semânticas completamente diferentes, com a aparente ênfase de algumas palavras que parecem gritadas, enquanto outras parecem segredadas”, observa ainda, sublinhando que a obra “possui, concentradamente, muitas das qualidades mais evidentes” do trabalho de Snow: “A precisão, o jogo conceptual e um conhecimento profundo da fenomenologia da imagem”.

O foco da presente exposição da Culturgest é, no entanto, o som e o modo como o artista, nascido em Toronto, em 1928, o tem usado no seu percurso, inicialmente feito no território da pintura e da escultura, e que depois cruzou a fotografia, o filme experimental, o vídeo, as instalações sonoras e sempre a música improvisada.

Em *O Som da Neve* evidencia-se, desde logo, a forma como trabalha o som em obras como *Win the D*, de 1974, a sua primeira instalação sonora, onde o espetador entra no escuro para ser confrontado apenas com o assobio, e a respiração do artista, ou em *Diagonal*, de 1982, com 16 colunas de som, oito de cada lado, com um mesmo silvo. Mas também em “relação com a imagem ou mesmo com o silêncio”, em contraponto à palavra que utiliza em alguns dos seus filmes. “Ao longo das salas da exposição, o espetador é conduzido por um percurso não cronológico pelas instalações invasivas de Michael Snow, que propõem diferentes formas de espoletar processos simultaneamente perceptivos e inteligentemente irónicos, ora testando os limites da diégese cinematográfica ou auditiva, ora propondo complexos jogos de relação entre o espaço e o som,



Videoarte na Culturgest Instalações de Peter Campus (em cima) e Michael Snow

frequentemente com humor e uma enorme finura nas situações que são geradas”, faz notar ainda o curador.

##720 (*Thanks to Robert Crumb*), de 1988, em que é projetada uma prancha de uma banda desenhada do artista norte-americano com três projetores, em cima de três caixas de vinho com alguns anos e, no chão, três pilhas de jornais do dia da inauguração; *Video Fields*, de 2016, com a mesma paisagem, um campo que ondula com o vento, projetada seis vezes; *Piano Sculpture*, de 2009, com quatro peças tocadas ao piano por Snow, diferentes e sincronizadas: ou *The Last LP*, de 1987, com a irónica suposta escuta de uma recolha etnográfica, são algumas das obras que podem ser vistas, aferindo justamente a complexidade e a singularidade do trabalho que desenvolve. “Em 1964 tinha começado a perceber que a coexistência de imagens em movimento e som tinha sido muito pouco investigada. Amplos sons em filmes são atmosféricos (música de estado de espírito) e síncronos (reforçando a “voluntária suspensão da descrença” necessária ao “realismo” da narrativa fílmica). Muito mais pode ser feito”, sustentou um dia.



E foi esse o caminho que prosseguiu a partir dos anos 60, criando igualmente um universo fílmico pioneiro de que se apresenta, na Culturgest, um ciclo, com alguns dos seus mais emblemáticos filmes, paralelo à exposição. Vão ainda ser exibidos, no Pequeno Auditório: a 18, às 21 e 15, *Rameau's Nephew*, 1974, que repete a 10 de abril, às 18 e 30; a 20, às 21 e 15, *Wavelength*, 1967, e *So Is This*, 1982; e a 8 de abril, às 16, *Wavelength e Back and Forth*, 1968-69.

### OLHARES CRUZADOS

Na Galeria 2 da Culturgest, o convite é para uma incursão no universo de Peter Campus, um dos pioneiros na video arte, em *Video Ergo Sum*.

Numa deambulação pelas diferentes salas, a começar por *Kiva*, de 1971, no átrio, um complexo mecanismo com espelhos, uma possível reflexão sobre a video-vigilância, depara-se depois com *Interface e Optical Sockets*, de 1972, ou *Anamnesis*, de 1973, em que, através do dispositivo vídeo, Campus

explora as questões da perceção e da visão, da duplicação e do espaço, com a imagem em tempo real ou em diferido, implicando o próprio espectador. “Nestas peças interativas, tentei abrir áreas do pensamento através da experiência física da interação com as obras. Criei situações pensadas para chamar a atenção para a nossa relação com os elementos geométricos, o espaço de uma sala e a nossa posição nesse espaço”, explicou a propósito, em 2008.

“Quería que as pessoas se tornassem conscientes dos seus movimentos no espaço (da galeria) e da relação desse espaço com o espaço vídeo-gráfico; que fizessem a experiência de ambos, e do modo como estes se relacionam um com o outro”.

A interatividade e a perceção visual são marcas identitárias do trabalho do artista norte-americano, que elegeu o vídeo como meio, depois de um período inicial dedicado à pintura. Nascido em Nova Iorque, em 1937, tendo formação em psicologia experimental e cinema, foi mesmo um dos primeiros a trazer o vídeo para o campo da arte, e a trabalhar no domínio dos novos media.

Em *Video Ergo Sum* mostram-se, de resto, os seus dois primeiros trabalhos em vídeo, produzidos em 1971: *Dynamic Field Series* e *Double Vision*. A partir de 1978, Campus fez um interregno na sua obra vídeo-gráfica, para se dedicar à fotografia de exterior. Contudo, em 1997, regressou ao vídeo, começando a usar novas formas de tratamento e edição da imagem, criando obras com um maior pendor autobiográfico, desenvolvendo uma abstração digital, um trabalho que, uma década depois, resultaria nas suas características videografias. “Todas as suas peças, das instalações de vídeo em circuito fechado que começou a realizar em 1971 até ao seu trabalho mais recente, podem ser entendidas como explorações dos processos da perceção e da visão, assentes nas características específicas da imagem eletrónica, e depois da imagem digital”, escreve Anne-Marie Duguet, curadora da exposição. E prossegue sobre as obras mais recentes: “O tratamento das imagens por Campus, ao nível do pixel, cria um certo grau de abstração, envolvendo o observador num novo exercício de perceção e de interpretação”.

A “intensa” relação do artista com o lugar e a sua “atenção à luz, à cor e ao enquadramento” podem ser percebidos, particularmente, segundo a curadora, na obra positivamente criada em 2016 para esta mostra, encomendada pelo Jeu de Paume. Trata-se da “instalação ambiental” *Convergences d'Images vers le Port*, filmada no porto francês de Pornic. O trabalho “cruza, neste caso, o olhar do visitante com a sensibilidade e a emoção da visão do artista”.

*O Som da Neve*, de Michael Snow, e *Video Ergo Sum*, de Peter Campus, ficam patentes ao público até 22 de abril. ■